



AMOR E FIDELIDADE NO ESQUECIDO CÂNTICO DA VINHA: PROPOSTA PARA UMA INTERPPRETAÇÃO POÉTICO-IMAGINATIVA DE *CANTARES*

Love and fidelity in the forgotten song of the vineyard: proposal for a poetic-imaginative interpretation of the Song of Salomon

José da Cruz Lopes Marques*



* Bacharel e mestre em Teologia; graduado, mestre e doutor em Filosofia. Professor colaborador do Seminário Batista do Cariri e da Faculdade Batista do Cariri na graduação nas áreas de Filosofia e Teologia Contemporânea e nas especializações de Teologia Bíblica e Apologética Cristã. É professor efetivo de Filosofia do Instituto Federal do Ceará. Autor dos livros: *Diário de sonhos do Doutor Satírico*, *Cultivando a reciprocidade* e *Vestígios de Deus*.

Contato:
markvani18@yahoo.com.br.

RESUMO:

O presente ensaio pretende apresentar uma leitura poético-imaginativa do *Cântico dos cânticos* de Salomão. Nesta releitura, abandonaremos as interpretações que veem o amor conjugal de forma alegórica, bem como a tendência de ver nas entrelinhas do poema um diálogo entre o rei de Israel e sua Amada Sulamita. Assumiremos a existência de três personagens, a saber, Salomão: o anti-herói, a Sulamita: a heroína e o pastor: o herói. Este último o verdadeiro amado da Sulamita. Ao introduzirmos este terceiro personagem perceberemos melhor a natureza fiel do amor expressa neste poema.

Palavras-chave: Amor, Fidelidade; Literatura Bíblica; Cantares.

ABSTRACT:

This essay aims to present a poetic-imaginative reading of the Song of Solomon's songs. In this reinterpretation, we will abandon interpretations that see conjugal love allegorically, as well as the tendency to see between the lines of the poem a dialogue between the King of Israel and his Beloved Sulamite. We will assume the existence of three characters, namely, Solomon: the anti-hero, Sulamita: the heroine and the shepherd: the hero. The latter is the true beloved of Sulamite. By introducing this third character, we will better understand the faithful nature of love expressed in this poem.

Keywords: Love, Fidelity; Biblical Literature; Song of Salomon

ADVERTÊNCIAS PRELIMINARES

Eros jamais hesita em dizer: — Antes isto do que a separação. Melhor ser miserável com ela do que feliz sem ela. Deixe que nossos corações se partam, desde que se partam juntos! Se a voz em nosso íntimo não disser isto, não é a voz de Eros (LEWIS, C. S. Os quatro amores).

Gostaria de começar este breve ensaio com algumas advertências que julgo importantes. Antes de tudo, quero reforçar que este texto é uma proposta. Por proposta designamos uma instigação a uma reflexão nova acerca de um objeto, um convite a olhar a realidade para além das opiniões cristalizadas e, às vezes, acatadas de modo irrefletido. Ao mesmo tempo, a proposta leva em consideração o caráter dinâmico da reflexão. Portanto, ela nunca apresenta o conhecimento adquirido como um produto final, como uma fórmula insuperável e irretocável, mas como uma abertura para novas possibilidades de reflexão. A proposta, por assim dizer, coloca apenas uma exigência: que o objeto do conhecimento enseje sempre novas reflexões. Insisto que esta minha proposta não deve ser confundida com uma teoria literária a ser aplicada em outros livros da Bíblia.

Ademais, devo esclarecer o pretendo dizer neste texto com interpretação poético-imaginativa. Com isso, quero dizer que, embora este ensaio deseje propor uma interpretação do *Cântico dos cânticos*, não me deterei no aspecto exegético de passagens ou termos. Privilegiaremos o exercício da reflexão criativa, a intuição sensível, a imaginação poética, portanto. Obviamente, não estamos falando de qualquer imaginação arbitrária ou devaneante, já que o exercício imaginativo partirá sempre dos dados fornecidos pelo próprio texto. Ou seja, a imaginação não descartará os dados existentes, apenas proporá um novo arranjo para eles, considerando, sobretudo, a sua dimensão poética e criativa.

Muitas interpretações sobre *Cantares* já foram realizadas ao longo da história. Os partidários do método alegórico veem na suposta história de amor entre Salomão e a Sulamita um simbolismo sobre o amor entre Cristo e sua Igreja. O pressuposto que guia essa interpretação é simples: em virtude do seu caráter espiritual, a Bíblia não poderia exaltar a dimensão sensual do amor. Sendo assim, o aparente conteúdo marcado pelo erotismo só poderia ser visto como uma espécie de analogia de uma forma mais elevada de amor. Na verdade, foi esse pressuposto que fez com que o livro de *Cantares* fosse um

dos últimos a ser inserido no cânon do Antigo Testamento. Esse tipo de interpretação foi predominante no cristianismo medieval, principalmente, por conta da influência dos ideais monásticos. Uma interpretação mais literal afirma que o livro narra de forma poética o relacionamento amoroso entre o rei Salomão e uma jovem identificada como Sulamita. Nesses termos, o cântico seria uma forma de diálogo entre o rei de Israel e sua amada com momentos em que um coro fala, nos moldes das tragédias gregas.

Nossa proposta, a rigor, abandonará as duas linhas de interpretação mencionadas acima. Partiremos do princípio que o canto faz alusão a um tenso relacionamento amoroso envolvendo três pessoas, a saber, o rei Salomão que tenta inutilmente o amor de uma bela jovem chamada Sulamita, e um simples pastor a quem o coração desta última pertence. Neste caso, embora o rei de Israel seja uma figura predominante no poema, ele atua como uma espécie de anti-herói, sendo que o status de herói é conferido ao pastor, que enfrenta todos os perigos e obstáculos para manter o seu amor. Semelhantemente, a Sulamita, faria o papel da heroína. Para ser franco, por fazer parte do gênero poético, é possível que *Cantares* não seja baseado em nenhuma história verídica, mas seja apenas fruto da imaginação do poeta que o escreveu. Não obstante, se há uma história por trás do *Cântico dos cânticos*, ela precisa ser completamente distinta das sugestões apontadas acima.

Este ensaio compreenderá três partes principais. Inicialmente, traçaremos um breve perfil das três personagens centrais que aparecem no cântico. Assim, não seguiremos a ideia usual de reduzir o poema a um suposto diálogo entre Salomão e sua amada Sulamita. Mas partiremos da hipótese interpretativa que a Sulamita tenta manter-se fiel ao seu amado diante do assédio insistente do rei Salomão. Na sequência, a partir de um arranjo de passagens do próprio texto, tentaremos reconstruir a história por trás de *Cantares*. Por fim, analisaremos as implicações daquele que parece ser o tema central do poema: a natureza do amor conjugal.

1 – BREVE APRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS

1.1 – A Sulamita: a heroína

Uma das questões mais intrigantes no livro diz respeito à identidade de sua protagonista. Ela é designada apenas como Sulamita. Provavelmente, o termo é um adjetivo pátrio, usado para identificar o povo dessa jovem. Assim, ela era chamada Sulamita por ser originária de Sulém. O problema é que em todo o Antigo Testamento não há uma única referência a esse povo. Tal fato tem levado alguns estudiosos a sugerir que Sulém seria uma variação de Suném. Mas, a rigor, não base histórica suficiente para confirmar essa tese. Contudo, este levantamento histórico mais acurado não é nosso objetivo em nossa proposta interpretativa.

Mesmo sendo de origem incerta, o livro apresenta várias informações sobre essa jovem. Que a Sulamita pertencia à nobreza, fica claro pela expressão “filha de príncipe”, a ela dirigida (7:1). Seu colar de pérolas, as substâncias aromáticas com as quais se perfuma e seus trajés requintados também atestam a sua realeza (4:9, 10; 5:3). Além disso, a desejada de Salomão se imagina desfilando em uma carruagem diante do seu povo, em uma espécie de cortejo real (6:12), algo inconcebível, não fosse a sua origem nobre. O texto também deixa claro que a Sulamita foi vítima de intrigas palacianas criadas por seus irmãos, sendo obrigada por eles a cuidar de vinhas ((1:6).

Embora o texto não apresente claramente o que motivou essas intrigas, duas possibilidades podem ser admitidas. Em primeiro lugar, elas podem estar ligadas à sucessão real. O fato da referência ao pai ser omitida parece ser é uma indicação de que já havia morrido. Se a Sulamita fosse a primogênita, ela poderia casar-se e o trono passaria a seu esposo, o que não seria interessante para os irmãos. Em segundo lugar, pode ser que os irmãos tenham isolado a Sulamita do convívio real como uma espécie de punição por algum ato praticado por ela. Talvez em função de um relacionamento com uma pessoa de posição social inferior. Seja como for, o fato é que os irmãos veem a presença da Sulamita como uma ameaça e querem mantê-la isolada. Só assim poderíamos conceber a ideia de uma princesa trabalhando de sol a sol no árduo trabalho dos vinhedos. Contudo, o texto nos mostra que a Sulamita é retirada desse desgastante trabalho e levada a corte de Salomão (1:4). Provavelmente, para compor o farto harém do monarca israelita. De fato,

ela permanecerá nesse lugar durante a maior parte da narrativa. Entretanto, no final do relato nossa protagonista se ausenta do palácio por motivo não esclarecido (6:13), não havendo nenhum indício do seu retorno.

1.2 – Salomão: o anti-herói

Claramente, Salomão é um dos protagonistas do poema. A maioria das interpretações considera o rei de Israel como sendo o amado da Sulamita. Não obstante, várias evidências podem ser apresentadas para refutar essa posição. Em primeiro lugar, a narrativa parece indicar que a Sulamita se dirige a duas pessoas bem distintas. Ao rei (1:4, 12) e ao seu amado (1:7, 16; 2:8; 3:1; 5:6, 8). No primeiro caso, o tratamento é apenas respeitoso em virtude da posição de autoridade do monarca, no segundo caso, o termo é sempre acompanhado pela intimidade e paixão que movem a relação entre os amantes.

Ademais, a Sulamita deixa claro que o seu amado está lhe seguindo às escondidas. Ele contempla a sua amada por trás das paredes de seu aposento e lhe espreita pelas grades (2:9). Claramente, o amado teme ser surpreendido por alguém. Esse temor é tão evidente que em um dos encontros, o amado foge de forma inesperada (5:5, 6). Provavelmente, por medo da guarda que exercia uma vigilância rigorosa sobre o harém real. Se essa pessoa fosse Salomão, não haveria justificativa para tal temor. Na qualidade de rei e esposo da Sulamita, ele poderia se dirigir aos seus aposentos com toda a confiança, sem a necessidade desses encontros furtivos.

Além disso, a Sulamita afirma que tem saudade do seu amado (7:8). Isso nos leva a concluir que os amantes estão separados, ou, pelo menos, não podem se encontrar sempre que desejam. Novamente, esse fato não pode ser aplicado a Salomão. Em geral, os haréns reais ficavam bem próximos ao palácio. Sendo assim, o rei de Israel poderia ver a sua amada diariamente e não havia razão para nutrir por ela saudade, esse sentimento que brota unicamente a partir da ausência e do desencontro.

Outra evidência pode ser vista no receio da Sulamita em tornar público o seu relacionamento. Ela sabe que poderá ser alvo do repúdio público em virtude da condição inferior de seu amado (8:1). A jovem deseja que seu amado seja semelhante aos seus irmãos, uma outra forma de dizer que gostaria que ele pertencesse à mesma classe social

à qual pertencia. Portanto, o relato parece indicar que o amado é de uma posição social inferior, o que não poderia ser aplicado a Salomão.

Por fim, em uma de suas fugas noturnas para se encontrar com o seu amado, a Sulamita é surpreendida e espancada pelos guardas do muro (5:5-7). Parece absurdo que os guardas ousem espancar uma das esposas do rei, principalmente, se considerarmos que ela está em busca dele. A não ser que o próprio Salomão, sabendo dos encontros entre a Sulamita e seu amado, tivesse ordenado esse tratamento agressivo.

Aqueles que não concordam com essa linha de interpretação, em geral, fazem o seguinte questionamento: como Salomão poderia ter escrito uma história onde ele mesmo é o vilão? Em primeiro lugar, se considerarmos a inspiração divina do livro, somos levados a crer que o escritor humano foi verdadeiro e imparcial ao registrar cada fato, ainda que esses fatos sejam contra a sua pessoa. A Bíblia não é um tipo de biografia encomenda que exalta somente as virtudes dos seus protagonistas. Em segundo lugar, a hipótese do livro ter sido escrito por uma outra pessoa é completamente aceitável. Isso porque o título “*Cântico dos cânticos de Salomão*” pode indicar que o rei de Israel foi o autor da obra, mas pode também significar que ele foi apenas o personagem central de uma obra escrita por outro autor.

1.3 – O Pastor: o herói

Mais enigmático do que a identidade da Sulamita é a identidade do seu amado. A não ser que o interpretemos como sendo Salomão. Essa posição, contudo, já foi descartada no tópico anterior. O relato apresenta poucas informações sobre esse personagem, nem mesmo o seu nome ou origem são mencionados. Entretanto, os poucos dados que podem ser encontrados no poema são bastante esclarecedores. O amado da Sulamita é um pastor de ovelhas, alguém de uma condição social bastante humilde (1:7; 2:16; 6:2, 3). Esse fato justificaria a não aprovação desse relacionamento amoroso vivenciado por eles. Provavelmente, o amado não morava tão distante do palácio, fato que pode ser deduzido de suas visitas contínuas à sua amada (2:9; 3:4; 5:2). Em trechos da narrativa a coragem do pastor fica evidente. Ele é capaz de enfrentar os maiores perigos para encontrar-se com a Sulamita e sufocar a sua saudade. O pastor consegue ultrapassar até mesmo a forte segurança do palácio. Em um desses encontros a sua ousadia beira o

extremo. Ignorando o perigo, ele vai ao quarto de sua princesa no harém real (5:4, 5). No final, a sua coragem será recompensada pela fidelidade de sua amada (8:10). Vejamos agora uma história que poderia ter se desenrolado por trás do poema.

2 – PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO POÉTICO-IMAGINATIVA

“Teve Salomão setecentas mulheres princesas e trezentas concubinas” (I Re. 11:3).

A Sulamita foi uma das muitas princesas de Salomão. Na verdade, ela foi praticamente obrigada a aceitar essa condição. Com toda a sua grandeza e fama, o filho de Davi conquistou muitas mulheres. Não obstante, aquela à qual ele mais amou, não foi capaz de conquistá-la. Mas por que razão Salomão não pôde conquistar o coração dessa princesa? Simplesmente porque ela já o havia entregado a outro. O felizardo era um jovem pastor a quem ela amava com todas as suas forças e com quem tinha feito juras de amor eterno. Esse amor que, conforme Platão nos lembra no *Banquete*, possui o anseio pela eternidade. O primeiro encontro entre o filho de Davi e a Sulamita foi em uma vinha onde a jovem trabalhava. O rei de Israel ficou encantado com a beleza quase angelical daquela jovem e amou-a desde o primeiro encontro. Com seu olhar envolvente a Sulamita arrebatou o coração do grande rei de Israel. Mas o que fazia uma princesa, de hábitos tão finos e requintados, trabalhando arduamente em um vinhedo?

“Os filhos de minha mãe se indignaram contra mim e me puseram por guarda de vinhas, a vinha, porém, que me pertence não a guardei” (Ct. 1:6).

A nossa heroína havia sido forçada por seus irmãos a realizar essa tarefa desgastante depois que o seu romance com um pobre pastor de ovelhas havia sido descoberto. O trabalho era ao mesmo tempo uma punição e uma forma dos irmãos exercerem uma vigilância sobre a jovem, considerando que os vinhedos reais eram guardados de forma bastante rigorosa. Quem tentasse penetrá-los, poderia ser surpreendido pela guarda. Com essa medida, os irmãos pretendiam separar a Sulamita do seu amado, em virtude do abismo social que separava os amantes. Obviamente, o romance não se adequava às convenções sociais da época. A medida não surtiu efeito, pois os jovens, movidos por sua paixão, continuaram a se encontrar e a embalar o seu amor à

sombra das videiras. À cada pôr-do-sol, os amantes se encontravam e, sentados sobre as folhagens do vinhedo (1:16), prometiam fidelidade ao outro. Entretanto, tramas sem fim espreitavam o caminho do casal, a fim de colocar à prova a resistência do seu amor.

“O rei me introduziu nas suas recâmaras” (Ct. 1:4).

Sabendo que a Sulamita ainda continuava a se encontrar às escondidas com seu pastor e percebendo que Salomão ficara encantado com a sua beleza, os irmãos resolveram entregá-la ao rei de Israel em uma espécie de acerto diplomático. Com isso, além de colocarem fim ao romance proibido entre ela e o tal pastor, garantiam uma aliança com o poderoso monarca de Israel. Assim, a contragosto, a nossa heroína foi levada à corte, ficando confinada ao harém real. Agora os amantes estavam separados. A lembrança dos encontros amorosos entre as árvores do vinhedo acalentava a dolorosa saudade que os consumia em silêncio (7:10). Contudo, mesmo a despeito da distância física, as suas almas continuavam unidas, e os jovens começaram a maquinarem estratégias a fim de que seu amor não fosse derrotado. Movidos pela paixão e pela fidelidade mútua, os dois estavam dispostos a enfrentar os maiores perigos para continuarem juntos.

“As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios afogá-lo; ainda que alguém desse todos os bens de sua casa pelo amor, seria de todo desprezado” (Ct. 8:7).

Salomão teve inúmeras mulheres, mas por nenhuma ele nutriu um sentimento tão profundo como a paixão arrebatadora que sentiu pela Sulamita. Mas logo o rei de Israel começou a perceber que aquele sentimento não era recíproco. Maior que a indiferença com a qual a jovem lhe tratava era apenas a tristeza expressa em seus lábios. A dolorosa separação havia furtado o sorriso radiante da Sulamita e a todos era evidente a sua infelicidade. O rei de Israel tentou de todas as formas conquistar o amor da bela moça. Ofertou-lhe os presentes mais preciosos, tudo aquilo que o dinheiro podia comprar ele ofereceu à sua amada. Mas tudo foi em vão. O amor dessa bela jovem não tinha preço. Ela já tinha oferecido gratuitamente ao seu pastor. O rei promoveu uma grande festa para todos os nobres da corte e exigiu que a Sulamita se assentasse ao seu lado (1:12). Certamente, todas as mulheres de Salomão gostariam de ter recebido essa honraria. Mas

nem mesmo esse reconhecimento público foi capaz de mudar o coração da princesa. O seu amor era tão forte que ela seria capaz de rejeitar até mesmo toda a fortuna do rei de Israel e toda a glória que isso poderia acarretar. Ela não negociaria a fidelidade a seu amado, ainda que o grande rei de Israel lhe entregasse toda a sua fortuna.

“Mal os deixei, encontrei logo o amado da minha alma; agarrei-me a ele e não o deixei ir embora, até que o fiz entrar em casa de minha mãe e na recâmara daquela que me concebeu” (Ct. 3:4).

O pastor não havia esquecido a Sulamita. Todas as noites ele circulava pelos arredores do palácio em busca da sua amada e, cada vez que a jovem percebia a presença dele, o seu coração se enchia de alegria e esperança. Ela era tomada de um desejo quase incontrolável de correr para os seus braços, ainda que para isso tivesse que pular as altas muralhas do palácio. Em uma noite, sabendo que seu amado estava à sua espera, a Sulamita resolveu correr o risco para desfrutar de um encontro com ele fora das muralhas do castelo. Para conseguir passar pela guarda que vigiava a entrada do palácio, a jovem precisava de uma boa desculpa. Afirmou que estava à procura do seu amado. Certamente, os guardas pensaram que ela estava se referindo a Salomão, por isso, permitiram a sua passagem tranquilamente. Mas ao chegar fora dos muros, a Sulamita percebeu com tristeza que o seu pastor não estava mais ali. Provavelmente, fugira temendo ser descoberto pelos guardas. A jovem saiu à procura do seu amado, encontrando-o em seguida. Naquela noite, embalados pelo amor, os jovens sufocaram a saudade e reataram o laço de fidelidade que os unia.

“Encontraram-me os guardas que rondavam pela cidade, espancaram-me e feriram-me; tiraram-me o manto os guardas do muro” (Ct. 5:7).

Depois do primeiro encontro, a Sulamita sempre encontrava uma forma de sair dos seus aposentos no harém real para encontrar-se com o seu pastor. Os encontros entre os jovens começaram a se tornar mais frequentes, até que Salomão os descobriu. Tentando surpreender os amantes, o rei reforçou a segurança no harém e nos arredores do palácio e ordenou que a jovem fosse punida com violência e o pastor fosse morto, caso fossem flagrados em seus encontros furtivos. Um dia a Sulamita não compareceu ao local habitual de encontro no horário determinado, fato que preocupou o seu pastor. À medida

que o tempo passava e ela não chegava, aumentava a ansiedade do jovem. Então, em uma atitude ousada, dessas que só podem ser justificadas por uma ardente paixão, ele resolveu ultrapassar as muralhas do castelo e ir até os aposentos da sua amada no harém. A batida do pastor na porta logo foi percebida por ela, mas o barulho também chamou a atenção dos guardas e o jovem teve que fugir para não ser surpreendido e morto. Quando a Sulamita saiu dos seus aposentos, exalando o seu perfume, o seu pastor já se retirara. Quase desesperada, ela foi ao local de sempre para tentar encontrá-lo, contudo, no caminho, foi surpreendida pelos guardas do muro. A jovem foi ferida, espancada e levada acorrentada à presença de Salomão (5:2-8). Mesmo a despeito de sua indiferença e sabendo que o seu coração pertencia a outro, o grande rei de Israel continuava cada vez mais fascinado por aquela bela princesa. O monarca estava enfurecido, afinal de contas, aquela a quem ele tanto amava, dedicava todo o seu amor a um humilde camponês. Salomão não conseguia aceitar que uma princesa rejeitasse a companhia de um rei para se entregar a um homem do povo. Mas o filho de Davi ainda conservava lapsos da sabedoria divina e decidiu agir com misericórdia em relação à Sulamita. Mais que isso, percebendo que ela era sua prisioneira e não sua esposa, resolveu deixá-la livre.

“Volta, volta, ó Sulamita, volta, volta para que nós te contemplemos” (Ct. 1:13).

A Sulamita ainda permaneceu no harém por algum tempo, mas ela não era mais vigiada, pois Salomão lhe concedera liberdade. Com esse gesto, o rei de Israel tentava uma última estratégia para ganhar o coração de sua amada. Entretanto, ele conhecia o risco que corria com essa medida. Poderia ser que o coração da Sulamita fosse tocado por esse gesto nobre da parte do rei, mas ela também poderia empregar a sua liberdade para fugir do palácio e se entregar definitivamente ao seu amado. O que Salomão temia não demorou a acontecer. Em uma noite em que o rei não se encontrava no palácio - tinha ido visitar a rainha de Sabá -, a Sulamita saiu do palácio para não mais voltar e foi ao encontro do seu amado. Ao ser comunicado da fuga de sua amada ao seu retorno, o desespero do rei de Israel foi tremendo. Recolheu-se ao seu leito e não apareceu em público durante dias. Por um longo tempo a dor da perda consumia os seus pensamentos, fato comprovado em uma canção que ele compôs dedicada à sua amada. O título dessa canção, “Volta,

volta, ó Sulamita”, era uma súplica comovente do rei para que sua amada retornasse e ele pudesse contemplá-la novamente.

“Eu sou um muro, e os meus seios como suas torres; sendo eu assim, fui tida por digna da confiança do meu amado” (Ct. 8:10.)

A Sulamita saiu do palácio e correu para os braços do seu amado para saciar o amor há muito sufocado. O reencontro no jardim foi emocionante e os beijos não queriam ter fim, pois o próprio amor que os movia era interminável. Tendo por testemunhas as romeiras e as cabras que pastavam próximo, o pastor exaltou em versos líricos a fidelidade inabalável de sua amada. “Jardim fechado és tu, minha irmã, noiva minha, manancial recluso, fonte selada”, sussurrou o jovem ao ouvido da Sulamita (4:12), demonstrando que, mesmo diante de todas as investidas de Salomão, ela conservara a sua pureza. “Vem depressa, amado meu, faze-te semelhante ao gamo ou ao filho da gazela, que saltam sobre os montes aromáticos” (8:14), a princesa respondeu ao seu amado. Os dois dormiram abraçados sobre a relva e, pela manhã, o pastor colheu figos, passas, maçãs, mel e leite para alimentar a sua amada.

“Teve Salomão uma vinha em Baal-Hamom; entregou-a a uns guardas, e cada um lhe trazia pelo seu fruto mil peças de prata” (Ct. 8:11).

Salomão jamais esqueceu a Sulamita, o rosto angelical dessa jovem que ele encontrara entre as videiras jamais saiu de sua mente. Tamanha era a fixação por ela que o rei de Israel resolveu plantar uma vinha bem próximo onde encontrara a sua amada pela primeira vez. Para ali ele sempre ia a fim de lamentar a ausência daquela a qual ele mais amou. Todas as tardes, o rei caminhava solitário por entre as videiras e se imaginava compartilhando com a Sulamita aquelas doces uvas. Diz uma antiga tradição que em seu leito de morte o grande rei de Israel rogou a presença da Sulamita para que o seu belo rosto fosse a última imagem contemplada por ele em vida. A jovem atendeu ao pedido de Salomão e o rei descansou feliz. O seu corpo foi sepultado na vinha, bem perto donde ele vira a Sulamita pela primeira vez.

3 – IMPLICAÇÕES DA INTREPRETAÇÃO POÉTICO-IMAGINATIVA PARA O CONCEITO DE AMOR

*Assim, o amor consiste no desejo da posse perpétua, donde resulta que o amor é também o desejo de imortalidade [...]. Não deves, pois te espantar de que todos os seres amem a quem procriaram, pois é devido ao desejo de imortalidade que amam e se desvelam (PLATÃO, **O Banquete**).*

*Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço, porque o amor é forte como a morte, e duro como a sepultura o ciúme. As suas brasas são brasas de fogo, como as labaredas do Senhor. As muitas águas não poderiam apagar este amor, nem os rios afogá-lo. Ainda que alguém desse todos os bens de sua casa por este amor, seria de todo desprezado. (Ct. **8:6,7**).*

3.1 – O amor enquanto vínculo de identificação

“O amor é quando a gente mora um no outro” (Mário Quintana).

A interpretação poético-imaginativa de *Cantares* apresentada acima nos permite analisar a natureza do amor encontrada neste poema. Devo ressaltar que temos em mente o amor no sentido conjugal, o Eros, conforme a designação usada por C. S. Lewis em *Os quatro amores*. Valendo-se da estrutura e pressupostos interpretativos acima apresentados, utilizaremos um recorte do poema para facilitar a nossa análise da natureza do Eros.

O amor conjugal é, antes de tudo, um laço que implica em identificação entre os amantes. O *Cântico* recorre à metáfora do selo para falar da identificação que o amor produz nos cônjuges. Também conhecido como sinete, o selo é empregado desde tempos remotos para indicar a autenticidade de um documento ou mensagem, comprovando assim a identificação entre ela e seu emissor. O selo era uma espécie de confirmação pública de que ele era responsável pelo conteúdo emitido. O exemplo bastante claro dessa prática no Antigo Testamento pode ser encontrado no episódio da morte de Nabote. Nesta ocasião, a rainha Jezabel envia cartas aos anciãos e nobres de Israel, selando-as com o sinete de Acabe (II Re. 21:8). Na Antiguidade, era comum os reis e nobres usarem como

selo os seus próprios anéis. Quando os servos eram enviados, por exemplo, a transmitir uma mensagem de seus senhores, eles costumavam levar os anéis para confirmar a identidade entre este comunicado e o seu suposto emissor. Com a presença do anel ninguém ousaria questionar a autenticidade daquela mensagem.

O autor do *Cântico* recorre à figura do selo exatamente para falar da identificação que existe no Eros. Essa identificação é tão profunda que o poeta extravasa na aplicação da metáfora. O selo não é colocado apenas sobre o braço, mas sobre o coração. O braço, provavelmente um sinônimo poético para mão, representa o componente físico, já o coração, enquanto núcleo da afetividade humana, aplica-se ao elemento espiritual. Isso comprova que há no amor conjugal uma dupla identificação: interna e externa. Para utilizar outros termos, uma identificação espiritual e física ao mesmo tempo. Ao contrário do que se pensa, o Eros vai além do simples apetite físico ou sexual, enveredando-se pelo mais elevado prazer espiritual. Sem a identificação física o Eros se transforma em sadismo e sem a identificação espiritual ele se converte em auto-erotismo. Amar é, portanto, identificar-se com a pessoa amada, é desejar que os outros nos vejam através dela. De uma forma misteriosa, o amante utiliza a amada como uma espécie de selo em seu próprio corpo, e o mesmo faz a amada em relação ao amante.

Algumas pessoas costumam empregar um princípio da física segundo o qual os opostos se atraem para falar do Eros. Na verdade, o grande mérito do amor não está em atrair os amantes, mas em manter unidos aqueles que por ele são atraídos, e isso só é possível por meio da identificação. A simples oposição pode ser empregada como força atrativa, mas também pode ser empregada como instrumento de separação. Sem a identificação, portanto, o atrito vira conflito e a oposição vira separação. Isso possui um caráter exortativo para que pretendem partilhar a beleza e plenitude do amor conjugal. É preciso que eles busquem pessoas com as quais possam estabelecer um vínculo de identidade. Se há algum casal que já está partilhando do amor conjugal e não consegue encontrar identificação com a pessoa amada, ele precisa descobrir o mais rápido possível algo que lhe identifique com a pessoa amada, caso contrário o seu relacionamento estará ameaçado.

O princípio da identificação tem implicações bastante sérias para o relacionamento entre os cônjuges. Em primeiro lugar, ele ensina que aquele que ama desejará sempre associar-se publicamente à pessoa amada. Há uma prática muito comum

entre casais de namorados que consiste em imprimir em blusas a foto da pessoa amada. Esta foto é quase sempre acompanhada por frases poéticas e declarações amorosas. O namorado sente-se feliz e até um pouco orgulhoso em poder trajar esta roupa. É como se ele quisesse declarar a todos que está ligado a essa pessoa, que se identifica com ela. A foto da pessoa amada é usada como uma espécie de selo. Infelizmente, esta prática não é vista com a mesma frequência entre pessoas casadas. Entre casais que já ultrapassaram os dez anos de casamento, a foto da pessoa amada é geralmente substituída pela foto dos filhos. Essa é uma das primeiras evidências que o vínculo de identificação que marca o amor conjugal está se perdendo.

No último estágio da falta de identificação notada acima, o cônjuge sentirá vergonha de associar-se ao seu companheiro, evitará, por exemplo, passear com ela em ambientes públicos ou apresentá-la aos amigos de trabalho. Casais que chegaram a este estágio certamente desconhecem que o amor conjugal é marcado pela identidade entre os amantes. Não sabem que aqueles que são envolvidos por esse sentimento sublime desejarão ardentemente publicar para todos a sua ligação com a pessoa amada. A rigor, não é a presença de Eros que prostitui uma relação, mas a sua falta. Há certos cônjuges que prostituem sua relação. Não no sentido de que pagam para possuir os corpos de seus cônjuges, mas no sentido de que se envergonham e querem mantê-los escondidos, ficam embaraçados sempre que precisam comparecer em público com eles. Em um relacionamento dessa natureza, conforme nos lembra C. S. Lewis, a plenitude e exuberância do Eros se perdeu.

Em segundo lugar, o princípio da identificação implica em valorização. Aquele que ama vê a pessoa amada como algo precioso. Essa consciência muda drasticamente o tratamento dos casais entre si. Para recorrer a uma analogia, que mulher, possuindo um colar de pérolas, desejará que ele fique sempre guardado? Na verdade, ela desejará mostrar a todos a sua joia valiosa, por isso, costuma usá-lo em ocasiões importantes. Durante a festa, sempre que as pessoas olham para ela e ficam extasiadas com a beleza do seu colar, ela se sente orgulhosa por ser dona de tal joia. Além disso, ela cuidará do seu colar com todo o empenho, considerando que ele é algo precioso para ela. Essa comparação ilustra bem a ideia do Eros. Quem ama vê a pessoa amada com uma joia preciosa. Por esta razão, cuidará dela com todo empenho e dedicação e ficará feliz sempre que as pessoas puderem perceber que eles se pertencem, que estão indissolivelmente

unidos pelo amor, sentir-se-á importante porque pertence a amada e amada, igualmente, lhe pertence.

Por fim, deve ser acrescentado que é o princípio da identificação que garante a unidade do relacionamento conjugal. Somente por meio dele a metáfora “tornar-se uma só carne”, utilizada para representar o casamento, ganha vida. Sem ele pode ser que haja um ajuntamento entre duas pessoas, nunca a sublime e misteriosa unificação conjugal. Eis a razão porque muitos casais estão vivendo sérias crises conjugais: não é que eles sejam incapazes de amar, a razão é que eles desconhecem as implicações do princípio de identificação que caracteriza o Eros.

3.2 – O amor enquanto vínculo poderoso

*“Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói, e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer” (Luís de Camões).*

As figuras empregadas pelo autor de *Cantares* para falar do Eros enquanto vínculo poderoso são ricas em detalhes, algo que, em virtude de sua beleza estilística, desafia a sensibilidade de qualquer poeta. Há no texto, dois grupos de metáforas, cada um expressando um aspecto do poder do amor conjugal. O primeiro grupo – morte, sepultura e fogo – apontam para o poder incontrolável e devastador do amor. Nessa sequência de figuras, há aquilo que os estudiosos da literatura sapiencial denominam paralelismo gradativo. A morte indica o fim da existência, a sepultura refere-se à autenticação pública da morte e o fogo é usado em várias passagens para representar a destruição definitiva dos maus. A destruição, portanto, vai ganhando intensidade na medida em que as figuras são apresentadas. O que nos chama a atenção nesse texto é fato do poeta empregar figuras de poder destrutivo para representar o caráter poderoso do amor conjugal. Tanto a morte quanto a sepultura e o fogo são elementos ligados à destruição das coisas. A morte representa a destruição da existência terrena, a sepultura representa a destruição do corpo e o fogo a perdição final dos homens maus. Por que o autor do *Cântico dos cânticos* lança mão dessas figuras para ilustrar o amor?

Quando olhamos rapidamente as páginas da literatura, observamos que, ao longo da história, os poetas empregaram a figura do sol, do mar, das estrelas e até do próprio

Deus para expressar o poder que envolve Eros. Em meu conhecimento extremamente limitado da literatura mundial, não me lembro de um poeta, além de Salomão e de Camões que afirmou que o amor é um fogo que arde sem se ver, que tenha recorrido às figuras da morte, da sepultura e do fogo para expressar o caráter poderoso do amor. Qual seria a razão do sábio ter empregado um procedimento tão radical? Por que será que ele não diz que o amor é como a flor que nasce em terra seca, como as ondas do mar que marcham incontroláveis ou como o sol que dispersa as trevas noturnas?

Em primeiro lugar, deve ser dito que o autor não está querendo dizer que o Eros é um sentimento necessariamente destrutivo. Na verdade, ao empregar estas metáforas, ele deseja ressaltar o grande poder que está associado ao amor conjugal. Por isso, ele recorre a figuras que possuem um conteúdo expressivo tão forte, tão contundente. Além disso, é como se ele quisesse nos lembrar que o amor, quando vivenciado de forma equivocada, pode ser dotado de um potencial destrutivo. O Eros não é necessariamente destrutivo, mas, em virtude do seu imenso poder é capaz de tornar-se destrutivo, pode causar danos irreparáveis aos amantes ao usufruírem-no da forma incorreta. Usado de forma incorreta o amor pode se transformar em ciúme possessivo, em sensualidade, adultério e pornografia. Certamente, os publicitários conhecem esse poder do amor quando exploram de forma apelativa a nudez em suas campanhas publicitárias. Ninguém em sã consciência negará que no Eros há o elemento instintivo e impulsivo. Se este elemento não for controlado o poder do amor pode se tornar destrutivo. Na verdade, não controlar esse elemento significa vivenciar o Eros de forma equivocada. Pensemos no exemplo de uma esposa que esconde o uniforme do esposo porque não deseja que ele não frequente o futebol com os amigos, ou o esposo que não aceita o fato de sua esposa trabalhar fora, ou mesmo aquele que, em um ato extremo, é capaz de tirar a vida da pessoa que afirma amar. Todos estes exemplos apontam, em maior ou menor grau, para o poder destrutivo do Eros, uma forma equivocada de amor conjugal, para ser mais preciso. Não se trata de hipocrisia ou falsidade, mas de um Eros experimentado na plenitude de sua dimensão destrutiva.

O segundo grupo de metáforas empregado na passagem do célebre *Cântico da vinha* é ainda mais forte em seu conteúdo expressivo. Neste recurso, o poeta emprega a figura do fogo em diferentes graus de intensidade. Com isso o autor do *Cântico dos cânticos* tenciona falar dos graus de poder do amor. Com efeito, ele começa a sua sequência de metáforas comparando o Eros a uma brasa. O termo hebraico *gahélet*

empregado nesta passagem aplica-se ao carvão de madeira usado para cozinhar, aquecer e queimar incenso. As brasas ardentes podem aplicar-se figuradamente à destruição do herdeiro único de uma família (II Sm. 14:7), ao caráter destrutivo das contendias (Pv. 26:21) e ao juízo divino (Sl. 120:4; 140:10).

O segundo elemento apresentado no texto é a figura da labareda. As labaredas são do Senhor como se o sábio quisesse enfatizar a procedência divina do Eros e, ao mesmo tempo, o seu caráter sacrificial. A título de alusão histórica, a expressão “labaredas do Senhor” nos remete às oferendas que eram queimadas a Deus. Trata-se do fogo que adquiriu maior intensidade. É fácil apagar o fogo de uma brasa, basta que lancemos um pouco de água sobre ela. Às vezes, nem é necessário lançar água sobre ela, basta tirá-la do braseiro. O fogo que assumiu a forma de labareda, entretanto, em virtude de sua maior intensidade, é muito mais difícil de ser apagado. Para termos uma ideia disso basta nos lembrarmos daquelas reportagens sobre incêndios florestais. Sempre que elas ocorrem, os bombeiros têm muita dificuldade para controlá-los e só conseguem fazê-lo depois de gastar muito suor e água.

O terceiro estágio do fogo empregado por Salomão não aparece de forma explícita como os anteriores, mas é possível deduzi-lo através da expressão empregada pelo autor do poema. Segundo ele, as muitas águas não poderiam apagar o amor nem os rios afogá-lo. Que estágio do fogo nem mesmo as águas de um rio poderiam apagar? Trata-se do vulcão. Em um verdadeiro espetáculo da natureza, quando os vulcões entram em erupção, as suas lavas são capazes de penetrar as águas do mar e manter acesa a sua chama ardente. No vulcão o fogo atinge o seu mais alto grau de exuberância e calor, uma intensidade à qual nem mesmo o frio das águas pode deter. Com essa figura o paralelismo gradativo do texto atinge seu clímax. É fácil apagar o fogo em forma de brasa, quando esse fogo se converte em labaredas a tarefa se torna mais difícil, quanto ele se torna vulcão, é praticamente impossível apagá-lo. Não há força capaz de detê-lo.

A figura empregada pelo poeta, portanto, fala de uma forma muito profunda sobre os graus de poder do Eros. Há momentos em que ele pode ser comparado a uma brasa, às vezes ele ganha a intensidade de uma labareda, às vezes, de um vulcão. Esse princípio possui implicações bastante decisivas para o relacionamento conjugal. A principal delas consiste no fato que, quanto maior for a intensidade do amor, mais difícil será para desfazer o laço conjugal. Casamentos que se desfazem com facilidade é porque o seu

amor é apenas uma brasa que pode ser apagada facilmente pelas frias águas dos problemas diários. Quando o amor é como o fogo de um vulcão, nem mesmo os mares de tribulações que se arremessam contra o relacionamento, podem apagar ou destruir o amor. Pelo contrário, ele sempre sai dos problemas mais fortalecido, belo e renovado.

Como deve ser o processo gradativo do poder do amor? Costuma-se pensar o Eros da seguinte forma: quando ele começa, na época do namoro, é tão intenso e incontrolável como as larvas de um vulcão. Após o casamento, ele perde a intensidade inicial e se transforma em uma labareda. À medida que o frio dos anos sopra contra o relacionamento, Eros se transforma em uma simples brasa cuja intensidade, nem de longe, lembra aquele ardor e exuberância iniciais. Essa concepção é totalmente equivocada. Na verdade, o Eros deve realizar um movimento inverso. Ele começa como uma brasa, evolui para uma labareda e depois ganha a intensidade de um vulcão. É claro que não estamos restringindo essa modalidade de amor apenas a sua dimensão física. Já foi falado que o simples apetite físico que encontra realização no ato sexual é apenas um dos componentes do Eros. Há também neste sentimento sublime um profundo prazer de ordem espiritual. Na verdade, o componente físico tende a perder a intensidade com o passar do tempo. Os casais mais idosos sabem muito bem do que estou falando. A perda de intensidade do componente físico do amor não significa necessariamente que ele está perdendo a intensidade. De fato, na medida em que vai se tornando cada vez mais espiritual, ele vai adquirindo maior intensidade, e, quanto mais espiritual o Eros se torna, maior se torna o seu poder. É verdade que, em virtude dos problemas aos quais o relacionamento conjugal está exposto, o casal passará por momentos em que o fogo do amor terá a sua intensidade diminuída, mas ele não demorará em ser restaurado à sua harmonia, calor e poder iniciais.

3.3 – O amor enquanto vínculo de fidelidade

*“Amor que rompe enfim os laços crus do Ser;
Um tão singelo amor, que aumenta na ventura;
Um amor tão leal que aumenta no sofrer”.* (Fernando Pessoa).

A história da Sulamita contada no *Cântico dos cânticos* é muito mais do que uma história de amor. É um verdadeiro exemplo de fidelidade desta jovem ao seu amado. Afastada de seu pastor, provavelmente, por conta de intrigas ligadas à sucessão real, esta

princesa foi levada ao palácio de Salomão e ficou confinada ao numeroso harém do rei de Israel. Salomão amou esta bela jovem desde a primeira vez que a viu e tentou conquistar o seu coração de todas as formas, tentou comprar o seu amor com presentes e honrarias (1:12; 8:7), mas a Sulamita não cedeu às investidas de Salomão. A razão dessa recusa é simples: o seu coração já pertencia a outro. Tratava-se de um humilde pastor com quem, à sombra dos vinhedos, ela fizera juras de amor eterno. A verdade é que a Sulamita jamais se entregou ao rei de Israel. Como o seu amado morava nos arredores do, às vezes, o casal se encontrava em secreto (3:4). Em um desses encontros, inclusive, ela foi surpreendida e espancada pelos guardas do muro que vigiavam o harém real (5:7). No final do cântico, de uma forma que tipifica a redenção do amor, a Sulamita deixa o palácio para entregar-se ao seu amado. O pastor louva a fidelidade de sua amada, ressaltando a sua confiança nela. As palavras da Sulamita são um verdadeiro poema sobre a fidelidade no amor conjugal. Em um tom solene ela declara: “Eu sou um muro, e os meus seios como as suas torres; sendo assim, fui tida por digna da confiança da minha amada” (8:10). A metáfora do muro é empregada para transmitir a ideia de firmeza, persistência e, mas também como um eufemismo poético para falar da virgindade. Uma evidência de que a nossa heroína permanecera incólume mesmo após o persistente assédio de Salomão. Infelizmente, em nossa cultura, Eros foi associado à infidelidade conjugal. Esta, contudo, não é a visão bíblica. Na visão de *Cantares*, a beleza do Eros está na identidade que ele promove entre os amantes, na sua força e, sobretudo, na sua fidelidade.

A história da Sulamita, a partir de uma interpretação poético-imaginativa é uma bela ilustração para o amor conjugal. Ele significa que há um pacto de fidelidade entre os amantes, pacto que em hipótese alguma deve ser rompido. Amar significa unir-se em um pacto de fidelidade com a pessoa amada. Há uma tendência bastante equivocada no sentido de restringir a fidelidade conjugal ao aspecto sexual. É um absurdo pensar que o vínculo de fidelidade se aplica apenas a essa área. Na verdade, a fidelidade promovida pelo amor refere-se a todas as áreas da vida. Considerando que o enlace matrimonial é uma entrega total, não há como deixar nenhuma área da vida conjugal fora da abrangência do princípio de fidelidade, por mais insignificante que ela possa parecer. A rigor, o pacto de fidelidade que é feito durante a cerimônia matrimonial não é quebrado apenas se um dos cônjuges incorrer em adultério. Na perspectiva bíblica, a fidelidade e a felicidade andam de mãos dadas. Isso significa que se um dos conjugues não está empregando todos os esforços para tornar o outro feliz, não está sendo fiel ao pacto contraído publicamente.

A fidelidade do Eros, com efeito, também implica em responsabilidade. Desse modo, a promessa de proteger e cuidar do cônjuge não deve ser entendida apenas como uma declaração sentimental, mas como a expressão de um compromisso que deve ser colocado em prática durante a vida matrimonial.

NOTA FINAL

A interpretação poético-imaginativa ora proposta, como vimos, ressalta os elementos essenciais do Eros em uma perspectiva bíblica, sobretudo a sua beleza, vigor e solidez. De fato, uma interpretação alegórica do *Cântico dos cânticos* compromete a dignidade do Eros, esquecendo-se, com efeito, de sua procedência divina. Em uma perspectiva bíblica, o Eros não é algo do qual devemos nos envergonhar ou evitar. É uma dádiva que conferiu aos cônjuges para unificá-los e, como toda dádiva, deve ser usufruída de modo a glorificar o seu Doador. Por outro lado, uma interpretação baseada na compreensão de que Salomão é o amado da Sulamita, além de encontrar fortes inconsistências a partir de uma análise textual do cântico, enfraquece consideravelmente um dos elementos mais importantes do Eros: a sua fidelidade. Reforço, entretanto, a consideração feita no início deste ensaio de que esta interpretação é apenas uma proposta. Outras poderão surgir, inclusive, empreendendo uma crítica à presente análise.

REFERÊNCIAS:

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**: antigo e novo testamentos. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

LEWIS, C. S. **Os quatro amores**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates e Banquete**. São Paulo: Martins Claret, 2001.